



## Extimidades

**Marcus André Vieira**

Para citar use a seguinte referência:

Vieira, M. A. Extimidades. *Correio Express*, revista eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise, agosto de 2019.

Disponível em: < [https://www.ebp.org.br/correio\\_express/2019/08/29/extimidades-1/](https://www.ebp.org.br/correio_express/2019/08/29/extimidades-1/) >

Basta que a estranheza se faça presente para que seja impossível contentar-se com a polaridade amigo-inimigo, cidadão-favelado ou ainda morador-bandido.

### I

Nas mesas anteriores deste evento, tive a sensação, e creio que vocês também, de termos chegado perto, bem perto, de alguns dos pontos cruciais desse momento tão duro de nosso país. Descobrimos o modo terrível como a lei nos escapa, tanto quanto a memória e a verdade. Estamos vivendo as consequências disso. Agora, acabamos de ouvir um pouco da voz de quem sofre mais diretamente, na pele, essas consequências. Vimos retratos de uma população que vive sob o constante risco de invisibilidade ou extermínio. Cabe, porém, perguntar: Onde, em nós, ouvimos essas vozes? Vindas de um exterior distante? Ou nos tocam no coração da intimidade? Fato é que elas nunca são tão silenciadas quanto os que levantam muros e condomínios gostariam de acreditar. Por outro lado, ao ouvi-las nas histórias de Jefferson e Miriam,<sup>1</sup> não há como dizer “sei o

---

♦ Graças ao convite de *Correio Express*, tive a oportunidade de retomar as notas do que disse no [fórum Zadig “Lei e violência”](#) e reescrevê-las com o que gostaria de ter dito no que disse, sonho de todo debatedor. Tomem, então, o que segue como um texto composto a partir da preparação do evento com o vivo do encontro.

<sup>1</sup> N.E.: Miriam Krenzinger, diretora da Escola de Serviço Social da UFRJ e professora do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFRJ, e Jefferson Amadeus, advogado criminalista, Mestre em Direito e Hermenêutica Filosófica e Membro da Comissão de Segurança Pública da OAB-RJ, participaram da mesa “Segregação, violência extermínio”, da qual Marcus André Vieira foi debatedor. Suas falas, bastante testemunhais, podem ser ouvidas na Rádio Lacan.

que vocês estão passando”. Seria quase igualmente violento. Gostaria, então, apenas de fazê-las reverberar um pouco mais, para propor que aqui ressoaram ao modo do que Lacan chamou *extimidade* – conceito ao qual J.-A. Miller dedicou um ano de seu Curso da Orientação Lacaniana.<sup>2</sup> Para isso, assim como eles, partirei de um pequeno testemunho, a partir de minha experiência no trabalho no Digaí-Maré a que Miriam se referiu.<sup>3</sup>

## II

Não há extimidade no registro do que se nomeia habitualmente *diferença*, como quando se diz que é preciso “aceitar a diferença”. Essa diferença é sempre relativa, entre preto e branco, por exemplo. Nesse regime, os que se colocam de um lado podem recusar, odiar, visar ao extermínio do outro. Não é o que tantos vêm fazendo com nossos jovens negros? O terrível é que eles podem ser eliminados. A diferença não, pois vive da polaridade significante que funda nossa fala. Afinal, como dizer do dia sem a noite? Assim, entendo porque Luiz Eduardo Soares fala em “prisão sintática” para assinalar a tentativa de aprisionamento das diferenças da língua em uma polarização rígida e, muitas vezes, sanguinária em nossos dias.<sup>4</sup>

A extimidade que o inconsciente nos apresenta é outra coisa, pois se funda na experiência fundamental para Freud de estranheza, em que nada é “pão-pão, queijo-

---

<sup>2</sup> Não faço, nesta intervenção, diferença entre estranheza e extimidade, mas acredito que os dois episódios narrados introduzem a possibilidade sugerida por Miller de que a extimidade seja mais abrangente do que a experiência referida por Freud – a ser situada no plano da relação entre a linguagem e o gozo. Cf. MILLER, J.-A. *Extimidad*. Buenos Aires: Paidós, 2010. p. 153 e seguintes.

<sup>3</sup> A Maré é um mundo de dezesseis comunidades espalhadas ao longo das principais vias de chegada à cidade. É um universo horizontal, muito distinto daquele das favelas assentadas em nossos morros. Desconfio que isso mude muita coisa. Na Maré, estamos distantes dos extensos atravessamentos subalternos, de empregadas, motoristas e seguranças, todos ali, logo ali, no morro, para alegria e temor de seus patrões, assim como das bocas que servem ao brilho e ao torpor dos adolescentes da praia. A Maré traz os horizontes dos aterros do fundo da Baía de Guanabara, das memórias das palafitas ainda recentes e de tantos e tão espalhados moradores que a vida precisa se encontrar e se inventar por ali mesmo. Sem nenhuma autoridade nesse assunto, só posso, mesmo, desconfiar. Minha experiência é apenas a de quem participa, há mais de uma década, do trabalho do Digaí-Maré – projeto lançado por Ana Lúcia Lutterbach-Holck e por mim, ao qual se associaram vários colegas da EBP. Nascido como um projeto de atendimento, no movimento dos CPCT da vasta comunidade da AMP, nosso trabalho no Digaí visava averiguar o valor que a psicanálise poderia adquirir para quem vive em uma das áreas mais tensas da cidade, ao mesmo tempo em que pretendíamos estimar o que ela, a psicanálise, teria a aprender com aqueles que se reinventam a cada dia para viver nessa tensão. O Digaí suspendeu suas atividades nos últimos anos e retorna, agora, com outro projeto: o de oferecer o apoio da orientação lacaniana à clínica de quem é da Maré ou lá trabalha. Somos assim, hoje, um pequeno grupo de psicanalistas que recebe psicólogos e assistentes sociais (melhor dizendo, são eles que nos recebem), para uma primeira apresentação de nossos conceitos, com vistas a seu uso clínico em um momento posterior. Temos aprendido demais. Não podendo nomear todos, cito ao menos os que estão comigo na coordenação, Ana Lúcia e Marícia Ciscato.

<sup>4</sup> Cf. Apresentação de Luiz Eduardo Soares no mesmo evento, assim como: SOARES, L. E. *Desmilitarizar*. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 195 e seguintes.

queijo” ou “preto no branco”, mas sempre *infamiliar*.<sup>5</sup> Algo vivido retorna de fora, como um excluído interno. Essa inquietante estranheza é sua marca.

Lembro-me de um episódio: um dos participantes do Digai descobre que boa parte dos moradores da rua em que trabalhávamos, muitos dos quais atendíamos, vinha da remoção de uma favela da Zona Sul, exatamente onde ela morava e tinha passado sua infância. Ela tinha vindo morar em um prédio construído quase imediatamente após a saída dos antigos moradores. Foi criada, então, na rua em que eles haviam habitado desde a chegada ao Rio, vindos do Nordeste em sua maioria, até serem “removidos” e, agora, trabalhava na rua em que eles moravam.

Não creio que seja um exemplo muito específico do *Unheimlich* freudiano mais diretamente referido ao retorno do recalçado de uma história pessoal. Essa situação mostra, porém, que o estranho não é o diferente. Muito difícil tomar o que ocorria em nossa rua antes de ali morarmos como algo inteiramente estrangeiro a nós, do qual seríamos simplesmente diferentes. Ainda mais, como no caso dessa psicanalista, ao ouvir histórias de quem ali viveu por décadas e foi de lá arrancado. Entendo esse episódio como uma experiência capaz de modificar radicalmente a cidade de alguém, o modo de habitá-la. Basta que a estranheza se faça presente para que seja impossível contentar-se com a polaridade amigo-inimigo, cidadão-favelado ou ainda morador-bandido.

### III

Quero ainda situar o modo freudiano de lidar com essa estranheza com uma passagem de minha análise, do começo do trabalho na Maré.

Levava meus filhos, como costumava fazer, a um evento na casinha que alugávamos na favela, e para chegar lá era preciso, às vezes, nos apresentar aos que controlavam o acesso. Em um desses dias, fomos parados por dois meninos carregando fuzis que nos perguntaram aonde íamos. Nada muito inesperado e que se repetiu muitas vezes posteriormente, mas a sensação de estranheza não me deixou. Um tempo depois, contei a cena em análise. O analista apenas comentou: “Você levou seus filhos para lá, para correr esse risco”, mas, ao ouvi-lo, ficou evidente o quanto havia de repetição na cena. Desde há muito, eu já percebera que sempre tendi a achar a vida tão mais real e

---

<sup>5</sup> Cf. FREUD, S. *O infamiliar*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. Leia também o Prefácio a essa tradução por Gilson Iannini e Pedro Tavares.

autêntica quanto mais próxima do perigo. Reencenava então, com filhos, mais um encontro com o perigo, provocado em parte por meu desejo inconsciente de encontrá-lo.

Sob a familiaridade consciente de minha atitude política de reduzir as diferenças e de fazer meus filhos conhecerem outras crianças em outro bairro, expunha-os, provavelmente um pouco além do necessário, a um risco talvez desnecessário pelo gozo do perigo que levava comigo. O real está em todo lugar, na Suíça ou na Maré, mas fuzis na mão de meninos justificam bem mais cuidado do que eu tinha.

Quando alguém se depara com a estranheza de sua repetição, o gozo que a alimenta pode se deslocar. Foi o que a interpretação sob transferência realizou em verdadeira operação analítica. Ela contou com a presteza do analista, mas também com o material inconsciente em torno da violência em minha vida, que me levava, nem tanto, como tantos a iludir-me com polaridades e muros, mas a borrar perigos e fronteiras bem reais. Meus filhos agradecem.

#### IV

Esses dois episódios parecem mostrar como a estranheza pode mudar o modo como vivemos nossa cidade. Basta levá-la a sério, ou seja, a não querer esvaziar o tanto de indeterminação que ela encarna, definir se o que a causa é interno ou externo, “do bem” ou “do mal”. É suportando-a que podemos, no estranho, encontrar novidades que definirão possibilidades e impossibilidades de laço a serem construídas e não pré-definidas. Isso vale não apenas para os que fazem análise, mas para os lidam com a história e suas leituras distorcidas, para os que recusam eufemismos palatáveis (como o de chamar as violências explícitas de nosso presidente de “declarações polêmicas”), para os que não preferem uma verdade redondinha, mas se dão a cargo as verdades que só se dizem em perturbação e insônia.

Se há um lugar onde a extimidade parece menos presente é na vida das redes, ditas sociais. De fato, cada *post* lacrador parece apagar a estranheza ao preço de torná-la verdade indiscutível. No mesmo sentido, cada *fake news* parece apenas dizer a verdade da paranoia da vez, igualmente indiscutível. A paranoia transforma a perturbação indefinida que nos causa o gozo *do Outro* alteridade irreduzível em um gozo *de um outro*, agora conhecido, seja temível ou matável. Vários são os que indicam como as redes favorecem-na com seu binarismo emocional de base.<sup>6</sup> As redes, porém, não são

---

<sup>6</sup> Cf. FLUSSER, V. *O mundo codificado*. São Paulo: Ubu, 2017 e HAN, B.-C. *No exame: perspectivas do digital*. Petrópolis: Vozes, 2018.

apenas isso. Tenho tido experiências de intimidade graças a elas e gostaria de concluir falando da que mais me afetou.

Os integrantes da coordenação do Digaí foram incluídos em um grupo de *WhatsApp* de profissionais e moradores relacionados ao trabalho da Redes Maré – a instituição que nos recebe, sem a qual nada seria possível. Passamos, então, a viver, no miúdo do quotidiano, a extrema violência de uma lei que desreconhece o valor da vida dos moradores para agigantar seu helicóptero cheio de atiradores ou suas operações brutais no solo. Ao mesmo tempo, entremeadas às mensagens de orientação sobre tiroteios ou bloqueios, em que seus remetentes se certificam se estão vivos e distribuem conselhos, surgem convites para saraus, *slams*, atividades culturais as mais variadas.

Estão aqui, no meu bolso. Entre as mensagens dos que recebo em análise, dos familiares e amigos, estão agora as mensagens desses desconhecidos. Não posso dizer que são elementos de minha vida, pois não vivo diretamente os acontecimentos a que se referem, mas agora fazem parte dela. Demagogia ou intimidade? Vejam o seguinte: podemos contar cada um dos presentes nesta sala, até mesmo, um por um, tudo o que carregam nos bolsos e bolsas, mas não tudo o que dizem e sentem em seus celulares, por exemplo. Essas coisas sem localização específica, ou de localização indefinida, fazem parte de nós, mesmo não enumeradas, e, de certo modo, contam mais do que aquelas coisas contadas, como felizmente nos demonstrou o *The Intercept*.

Se pudermos estar à altura da responsabilização que a análise engendra em quem, nela, vive sua própria estranheza, nós, que agora fazemos parte desse grupo, não ficaremos apenas lendo, chocados, deprimidos, ou inertes, como tendemos, hoje, a ficarmos neste país. A riqueza alerta da sobrevivência dessas mensagens nos levará adiante.

LA MOVIDA ZADIG DOCES&BÁRBAROS

CONVIDA PARA:


# Fórum LEI E VIOLÊNCIA

VAGAS LIMITADAS!

03 AGOSTO 2019 - DAS 9h ÀS 14h - RIO DE JANEIRO  
Salão Nobre da Faculdade Nacional de Direito - UFRJ  
Rua Marconio Filho, nº8, Centro

Inscrição: R\$40,00 / R\$20,00 (alunos de graduação e dos Institutos do Campo Freudiano do Brasil).  
Enviar e-mail com comprovante de depósito e nome completo para [ebp@ebp.org.br](mailto:ebp@ebp.org.br) aos cuidados de Alice.  
Depósito bancário - Banco Bradesco - Agência: 0136  
Conta Corrente: 153953-1 | CNPJ: 03688674/0001-19  
Hospedagem: +55(21)24301101  
ou [vera@havasbrazil.com.br](mailto:vera@havasbrazil.com.br)

Apoio:

 Escola Brasileira  
de Psicanálise

Colaboração:

